

A “MODERNIDADE” NO PROCESSO DE OCIDENTALIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.

MATHEUS SANTOS DA SILVA*

* Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Santos em 2017 e graduando no curso de História pela mesma instituição de ensino. E-mail: sansilvamatheus@gmail.com

RESUMO

No presente artigo analisamos o processo de ocidentalização da América Latina como herança do processo neocolonial que, por meio de discursos do Ocidente, perpetua a relação entre colonizador e colonizado. Assim, com base na literatura especializada sobre o assunto, procedemos ao levantamento de dados acadêmicos para compreender como o Ocidente que, ao rejeitar os padrões de civilização dos povos latino-americanos, consolida o processo de ocidentalização dessa região, por meio do discurso sobre a modernidade.

PALAVRAS-CHAVES

América Latina, ocidentalização, modernidade

INTRODUÇÃO

A relação da América Latina com o Ocidente desperta interesse para estudo de teóricos em vários âmbitos das Ciências Sociais. Mesmo assim, há escassez nas produções acadêmicas sobre os debates voltados para as problemáticas que envolvem a América Latina, conforme aponta Castro-Gómez (2005). Dessa maneira, é fundamental a incorporação de temáticas acerca da realidade latino-americana, a fim de fomentar reflexões sobre esse espaço geográfico.

Assim, o problema central desta pesquisa busca entender a relação dos países latino-americanos com os padrões que caracterizam a civilização ocidental, por meio de levantamento de dados acadêmicos, para compreender o discurso da modernidade no processo de ocidentalização da América Latina.

Sobre essa temática, Quijano (2005) salienta que a imposição de valores em nome da modernidade e da “salvação dos bárbaros” foi agressiva com os povos autóctones, durante o período colonial no século XIX. Na contemporaneidade, Ayerbe (2003) identifica e destaca a preocupação com a inserção das periferias globais subdesenvolvidas na conjuntura internacional que, em nome da modernidade, consentem com a determinação de modelos para o desenvolvimento e com imposição de valores que consolidam o sucesso dos grandes centros capitalistas.

Com base em Huntington (1996), percebemos que o discurso da modernidade do mundo ocidental transcendeu as fronteiras e chegou à América Latina como desígnio a ser alcançado, ignorando as condições internas dos países e desconsiderando a autonomia política da região. Assim, reproduzem a lógica de que os povos latino-americanos são bárbaros e precisam importar modelos para alcançar a civilização.

Algumas questões são levantadas acerca das discussões sobre a modernidade. O fenômeno da globalização e liberalismo é pontual para esse debate e, segundo Coronil (2005), representa desafio para análises que buscam romper com as determinações da civilização ocidental. Assim sendo, considerando os esforços para repensar essa problemática, a partir de uma vertente não-eurocêntrica, revisitamos intelectuais para elucidar a relação do Ocidente com a América Latina.

1. A SUPREMACIA DO MODELO DE CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

As definições sobre o Ocidente apresentam diversas perspectivas. Zanatta (2017, p. 21) aponta que “o conceito de Ocidente não é unívoco nem imutável na história”. Por essa razão, limitamos esse estudo nas análises feitas por Huntington (1996), que dividiu o mundo em nove civilizações: ocidental, latino-americana, africana, islâmica, sinica, hindu, ortodoxa, japonesa e budista.

Nesse sentido, por conta da constatação de que na Região há divergência com os padrões que definem a cultura ocidental, a América Latina é considerada como uma subdivisão da civilização ocidental ou como uma civilização separada. Esses padrões são intrínsecos da ideia de modernidade. Segundo Hall (apud BORTOLUCI, 2009, p. 68), o “Ocidente é o termo que representa a forma de vida particular: desenvolvida, industrializada, urbanizada, capitalista, secular e moderna”.

De acordo com Dussel (2005), a modernidade pode ser entendida como nova fase que viabiliza o desenvolvimento humano, pois é a libertação e a superação do obsoleto. As civilizações modernas, sustentadas pelas bases eurocêntricas, são consideradas como as mais desenvolvidas e superiores. Por conseguinte, a superioridade legitima os esforços em desenvolver aqueles considerados bárbaros e primitivos. Entendemos que isso acontece pelas vias do imperialismo, na atualidade, já que o caminho para o desenvolvimento acontece pelas determinações da cultura ocidental.

Nesse sentido, a problemática sobre a divisão geográfica habitual entre norte e sul torna-se ultrapassada para entender a conjuntura contemporânea, pois atualmente para compreender o debate sobre a disparidade entre os países é pertinente analisar a separação entre o Ocidente e o resto do mundo. Se, por um lado, nessa perspectiva, há corrente que acredita no êxito do bem, representado pelo Ocidente, contra o mal do resto do mundo, há também a corrente que entende que houve grande ingerência europeia no que se considera o resto e o resultado disso é a supremacia ocidental cultural histórica (LANDES, 1998).

A América Latina, na divisão civilizacional proposta por Huntington (1996), é uma fatia do Ocidente. De fato, cartograficamente, a região latino-americana faz parte do hemisfério ocidental. Contudo, o autor concorda com o ponto de vista do êxito do bem sobre o mal e desconsidera o colonialismo e as explorações históricas. Assim, justifica que, devido à cultura corporativa e autoritária, os países latinos seguiram por caminhos distintos da Europa e da América do Norte. Ademais, os países latino-americanos absorveram elementos de civilizações primitivas que as principais nações ocidentais, na concepção de Huntington, não incorporaram, dando como exemplo os povos indígenas, que, apesar de toda a inibição e repressão que sofreram, fizeram parte da formação cultural na América Latina, enquanto na América do Norte esses povos foram massacrados e por esse motivo não fazem parte da cultura dessa região.

Nesse sentido, Mignolo (2005) questiona as heranças coloniais que se mantiveram nos países que Huntington identifica como o Ocidente, citando o exemplo do movimento indígena da Austrália. Por outro lado, o autor entende que esses movimentos não apresentaram força suficiente para se configurar como parte da identidade. Sendo assim, esses povos são encarados como uma particularidade que não interfere na cultura ocidental, mas é a identidade cultural do "outro".

A ideia de oposição entre "Nós" e o "Outro" é um aspecto importante para os estudos culturais, sendo característica peculiar do Ocidente para se firmar em relação ao restante do mundo. É importante destacar que Said (1978) apresentou valiosa reflexão ao indicar que o Oriente é uma criação do Ocidente. Logo, o Ocidente auto designa-se como tudo que o Oriente não é. Sendo assim, "a emergência da ideia de 'Ocidente' ou de 'Europa' é uma admissão de identidade, isto é, de relações com outras experiências culturais, de diferenças com as outras culturas" (QUIJANO, 1992, p. 06).

As diferenças provocadas pelo colonialismo vieram à tona com os processos de independência e descolonização, a partir do século XVII. Contudo, a consolidação da ideia de Ocidente põe ainda mais em evidência a discrepância entre as regiões do mundo, pois "o Ocidente é a nova designação, depois do fim da Guerra Fria, do 'primeiro mundo'" (MIGNOLO, 2005, p. 46).

O reconhecimento do domínio da região ocidental na Nova Ordem Geopolítica Mundial deu-se por razão do antagonismo entre o Ocidente e o Oriente, que se tornou muito perceptível com o fim da Guerra Fria (1947 - 1991), porque a vitória dos Estados Unidos da América sobre o bloco soviético fincou a compreensão da superioridade da civilização ocidental e ascensão dos estadunidenses (AYERBE, 2003). A esse respeito, Reino (2010, p. 25) acrescenta que "os Estados Unidos estariam livres para impingir sua cultura em todo o planeta e nada nem ninguém os impediria".

Sendo assim, a derrota da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) contribuiu para que fossem incontestáveis as prescrições de princípios de convivência e valores ocidentais implantados em nome da ordem global e do desenvolvimento. Além do mais, as justificativas em nome da ideologia do liberalismo democrático triunfaram em escala global por conta do colapso soviético e a derrota do comunismo. Sob essa ótica, Huntington (1996, p. 97) pontua que "a desintegração da União Soviética afastou o único desafiante sério do Ocidente e, como consequência, o mundo está sendo e será moldado pelos objetivos, prioridades e interesses das principais nações ocidentais".

Com base nas divisões civilizacionais de Huntington (1996), o mundo ocidental se restringe somente à Europa Ocidental e aos Estados Unidos da América, porque a cultura

ocidental tem como essência a representação de um estágio avançado de desenvolvimento e modernidade. Para o autor, a modernidade, inerente à ocidentalização, e o desenvolvimento são indivisíveis. A ocidentalização, segundo Huntington, é o conceito que designa a fusão de Ocidente com a modernização em todo o mundo. As sociedades não ocidentais, e aqui inclui a civilização latino-americana, carecem dos elementos da cultura ocidental e, ao incorporá-los, sinalizam caminho rumo ao desenvolvimento e ao progresso. Essa formulação é significativa e considerável pelas elites políticas que, segundo o autor, optam por aceitar a modernização e a ocidentalização, quando não reagem, rejeitando ambas, ou aceitam as concepções de modernidade, e apesar dos esforços, dificilmente conseguem desvincular do processo de ocidentalização.

Pelo fato da ideia de ocidentalização estar muito atrelada com o entendimento de crescimento, progresso e modernização, Ianni (1996) aponta que a influência dos valores socio-culturais, com base no modelo europeu e norte-americano, representa desafio para as demais regiões do mundo. A ocidentalização pretende moldar o mundo pela difusão de concepções eurocêntricas, como exemplo a ideia de terceiro-mundismo que firma a discrepância entre os países. Muitos autores entendem que conceitos como “subdesenvolvimento” e “terceiro-mundismo” são concepções Ocidental-europeia, resultantes do período colonial, criadas para estabelecer a subalternização de países como os da América Latina, para manter a relação de superioridade dos colonizadores sobre os colonizados.

Quijano (2005) sustenta que o debate sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento ganhou maior notoriedade após a Segunda Guerra Mundial e foi embasado na mesma visão de modernidade entendida por Huntington. Por sua vez, o autor peruano não considera que a modernidade seja um fenômeno da ocidentalização das sociedades de culturas não-europeias, mas que a modernidade é inerente das particularidades de culturas de todo o mundo, dando como exemplo as altas culturas dos maias, dos astecas, dos egípcios, etc., que apresentaram sinais de modernidade.

A acultura ocidental se promove como sendo a representação da modernidade, usando parâmetros de contrastes, ou seja, a civilização ocidental é tudo que os “outros” não são em termos de organização de vida e avanços, a mesma ideia defendida por Said (1993), a respeito do Orientalismo. Essa autoconsciência propõe ao restante do globo a universalidade a partir da experiência europeia. Sendo assim, a polaridade entre a civilização ocidental e todas as demais provoca visões pré-determinadas nos outros a respeito de si mesmo, o que faz com que os demais povos rejeitem suas especificidades e características individuais e com isso atribuem à experiência do Ocidente um exemplo de caráter universal. Desse modo, “a modernidade entendida como universal tem como modelo “puro a experiência europeia” (LANDER, 2005, p. 15).

Quijano (1992) reconhece que a cultura do Ocidente se tornou modelo de cultura universal, posto que as demais regiões do mundo, ao ansiar equiparar-se com o mundo ocidental, mostram que o deslumbramento se dá por meio da colonização do imaginário. Assim, para o autor, a cultura ocidental é a forma para colonizar a cultura dos demais, por meio do imaginário. Os comportamentos, os costumes, os valores e os hábitos do mundo ocidental são transformados em intermediários para atingir o progresso. Além disso, a concepção de que para alcançar prosperidade e poder é necessário assemelhar-se ao Ocidente.

Sendo assim, principalmente para autores da teoria pós-colonial, é impensável desvincular modernidade do colonialismo. As Ciências Sociais de caráter eurocêntrico produzem narrativa de que o colonialismo projetou na América Latina e em outras regiões periféricas do mundo o surgimento do fenômeno da prosperidade e do desenvolvimento

para os territórios. Desse modo, rejeitam os resultados hostis para com os povos nativos e sua região (CASTRO-GÓMEZ, 2005).

Segundo Mignolo (2011), a ideia de modernidade surge integrada ao colonialismo em virtude da apropriação das terras da América e a exploração das mesmas. As três fases principais da modernidade foram: entre 1500 e 1750, com a dominação da Espanha e Portugal; de 1751 a 1945, período liderado por Inglaterra e França; a partir de 1946, com o predomínio dos Estados Unidos. Contudo, a modernidade propõe nova ordem global interconectada com a mesma estrutura de controle colonial e em nome da salvação dos povos, sendo que os países ricos submetem os países pobres, por meio da exploração.

Sendo assim, a relação de dominação entre os países latino-americanos com os colonizadores se perpetua com o discurso de modernidade que delinea a civilização ocidental. O Ocidente, pelas vias do imperialismo, anseia propagar e universalizar seus valores intrínsecos, usando do discurso da modernidade para transcender sua cultura em nível global.

2. GLOBALIZAÇÃO: UNIVERSALIZAÇÃO VS. OCIDENTALIZAÇÃO DO MUNDO

O lema da globalização como forma de solução dos impasses entre presente e futuro surge de forma atraente no mundo moderno. Assim, torna-se pauta inevitável no século XXI e, além de moldar as relações internacionais, tem implicação direta na vida das pessoas. A globalização parece que não pode ser mais evitada e tão pouco reversível. Contudo, há incertezas quanto aos propósitos desse fenômeno. Assim sendo, alguns teóricos discutem se a globalização promove a universalização ou a ocidentalização do mundo (BAUMAN, 1998).

As definições sobre a globalização apresentam diversas vertentes. De acordo com Santos (2002), esse fenômeno é, de forma resumida, um debate sobre a visão econômica, quando na realidade abarca diversas esferas, tais como a social, a política e a cultural. Muitos autores definem a globalização como uma dimensão associada à internacionalização do sistema capitalista neoliberal e também como motor civilizacional que viabiliza benefícios, prosperidade social e econômica para todo o mundo.

Os modos de pensar a globalização estão associados também com a visão de mundo e princípios de quem os definem. Porém, a propagação em escala global e a relação de interligação dos Estados que compõe o sistema internacional, ou seja, as ações de uma região afetam outras, são aspectos convergentes entre as variadas definições (CAMPOS; CANAVEZES, 2007).

Essa interdependência entre os países do mundo motivada pela globalização está diretamente associada ao conceito de “aldeia global”, que segundo Ianni (1996) corresponde a noção de que existe, ou de que deveria existir, uma comunidade mundial, onde não há fronteiras para uso das técnicas e para informação. Desse modo, o mundo caminharia rumo à modernidade.

Para Coronil (2005), a concepção de aldeia global é falaciosa, pois o mundo da globalização é fracionado por novas formas de dominação. A globalização não é um fenômeno novo. Contudo, a propagação do discurso atual tornou robusto o processo de integração de várias partes do planeta em torno da acumulação do capital, o que reforça a dicotomia das regiões em centro e periferia, modernos e atrasado, dominadores e dominados.

Nesse aspecto, Santos (2000) aponta a perspectiva de que em uma aldeia global toda informação e desenvolvimento de técnicas propostas seriam de fácil acesso para todos. As

diferenças estruturais, coloniais e imperialistas, nesse caso, são ignoradas e sintetizadas pelo discurso da globalização como um fenômeno que soluciona problemas de todas as regiões do mundo, como se houvesse uniformidade e igualdade entre elas.

Por outro lado, Batista Jr. (1998) considera sobre essa questão os impasses internos dos países, tais como crise econômica, doenças, pobreza, desemprego, segurança etc., que são justificados pelo fenômeno da interdependência na aldeia global. Por essa razão, o fortalecimento do discurso sobre a globalização é oportuno para as elites políticas. Porém, pensar em benefícios para os chefes políticos pode parecer contraditório, considerando que uma das principais críticas dos opositores da globalização é o enfraquecimento dos Estados. Porém, Santos (2000) considera que no mundo global há o fortalecimento dos mesmos.

Nesse contexto, para Canclini (2003), a globalização passa a ser exaltada como sendo o modelo único e ideal para pensar as relações contemporâneas e criticá-lo pode soar de maneira cética ao progresso e à modernidade, pois o discurso da globalização simboliza a padronização do mundo e do mercado planetário, porque há consenso sobre as políticas da globalização, que contribuem para o interesse dos países ocidentais hegemônicos.

A teoria da aldeia global deu a impressão de que não existiriam mais fronteiras, povos subordinados pela localização geográfica ou qualquer tipo de segregação cultural. Na realidade, a globalização implica no domínio do Ocidente sobre as outras regiões do mundo. Desde o período colonial é reforçada a ideia de polarização entre os povos civilizados e os bárbaros, os modernos e os atrasadas, entre a Europa e suas colônias. Atualmente, no mundo globalizado, a discrepância está entre o Ocidente e o resto do mundo (CORONIL, 2005).

A hegemonia industrial, cultural, do entretenimento, sustentada pela globalização, funciona como aspecto de dominação do imaginário, ou seja, são projetados valores ocidentais que se tornam coletivos no imaginário das pessoas. Com a ocidentalização por meio da globalização, todos os povos do mundo são persuadidos a viver e a pensar de forma uniforme (LATOUCHE, 1994).

Sob a ótica da dominação do imaginário, de acordo com Batista Jr (1998), a globalização reproduz a lógica da mentalidade colonial nos países subdesenvolvidos e periféricos. O autor indaga se cabe entender a globalização como continuidade do colonialismo, por outros meios e por outras formas, já que mantém aspectos que remetem ao período colonial. Entre esses aspectos destaca-se a desigualdade gerada pelos colonizadores e que hoje é gerada pelo Ocidente, refletindo nos povos colonizados e demais regiões do mundo.

No entanto, diferentemente do período colonial, a globalização tem a capacidade de ocultar a presença de um centro dominador, no caso atual o centro é a cultura ocidental. Dessa forma, a ocidentalização acontece de maneira quase que imperceptível, pois com a globalização o mundo não se torna globalizado, mas ocidentalizado. Na realidade, a hegemonia da cultura ocidental cresce na medida em que aparentemente acontece a dissolução do Ocidente no processo de globalização e da aldeia global, isto é, a civilização ocidental ganha mais força, na medida em que o discurso de universalização se fortalece no imaginário (CORONIL, 2005).

Bauman (1998) concorda que o discurso da globalização encobre a ideia de que existe um centro dominador que rege regras. Por conta disso, a globalização é mantida por “forças anônimas”, como definiu o autor. Para ele, a globalização não corresponde ao que é proposto no discurso de universalização das questões que se referem à ordem global. Sendo assim, a globalização é o resultado em escala mundial do período em que vivemos e não a promoção

da interligação dos Estados, mediante o aprofundamento das relações culturais, políticas e econômicas dos mesmos.

A globalização cultural é mais difícil de ser estudada, pois os resultados são muito subjetivos, diferentemente da globalização econômica, que apresenta resultados exatos. Apesar disso, a influência da globalização cultural é muito fácil de ser percebida. O imperialismo ocidental propõe a difusão de uma cultura como sendo: verdadeira, moderna e racional. Desse modo, a disseminação dos valores ocidentais é imoderada (REINO, 2010).

Huntington (1996) acredita que a cultura global serve como junção cultural de juízos com base em aceitação de valores básicos e comuns para todas as regiões do mundo, já que o autor entende o processo de globalização como afinamento de princípios e normas que levariam a uma "civilização universal". Na verdade, o intuito da proposta do autor é a disseminação do modelo de civilização ocidental como única forma de evitar novas ameaças globais.

Assim, o Ocidente sustenta a ideia de que o mundo globalizado será capaz de solucionar quaisquer problemas, conforme os princípios de convivência determinados. Isso porque a globalização, no discurso ocidentalizado, é a cultura dos vencedores da Guerra-Fria e, como decorrência, o mundo se tornaria pacífico devido às normas e convicções ocidentais em nome da paz, da modernidade e do desenvolvimento (AYERBE, 2003).

Para Santos (2003), essa narrativa é a "globalização como fábula", porque transmite fantasia com caráter moralista e instrutivo, além de noções pré-determinadas sobre a dicotomia bem e mal. A repetição de algo que não é real acaba por tornar consistente a ideia no imaginário dos povos e, assim, o Ocidente com essa narrativa torna cada vez mais sólida a estrutura de dominação. Assim sendo, Santos propõe uma globalização mais humana, diferente do fenômeno discutido por Ayerbe (2003, p. 29), segundo o qual,

a realidade global diz respeito basicamente a atores privados, movidos por inúmeras agendas, favoráveis ou críticas à ordem hegemônica, que interagem por meio de redes, sem controle centralizado, mas partilhando (explicitamente ou implicitamente) valores "ocidentais" de competição baseados no pluralismo, liberdade de expressão e respeito da legalidade.

3. O LIBERALISMO COMO O "FIM DA HISTÓRIA" UNIVERSAL

Como modelo de organização econômica em quase todo o mundo, com objetivo de promover a aldeia global racional e harmônica, devido às interdependências dos mercados, estimulando a formação de área de livre comércio, a globalização proporcionou o triunfo do liberalismo e suas vertentes, com cultura apropriada para a internacionalização de diversos setores da sociedade (PIRES; REIS, 1999)

O trecho abaixo sintetiza as premissas básicas da doutrina liberal e ressalta a relação do liberalismo com o discurso de modernidade que denota relação com a civilização ocidental.

A modernidade projeta uma vida nova e melhor, livre do governo autoritário e com um nível mais alto de bem-estar material. O processo de modernização desencadeado pela revolução científica permitiu o aprimoramento da tecnologia e, conseqüentemente, a formação de meios mais eficientes para a produção de bens e controle da natureza. [...] Essa é a base para a crença liberal no progresso: o Estado liberal moderno exige um sistema econômico e político que trará, segundo a famosa frase de Jeremy Bentham, "mais felicidade ao maior número de pessoas" (JACKSON; SORENSEN, 2003, p. 148).

Fukuyama (1992) entende que todas as experiências antigas da humanidade são contraditórias e apontam os fracassos na forma de organização da vida política, social e econômica. Com a vitória do capitalismo frente ao comunismo, o modelo de civilização liberal tornou-se o ápice do avanço das instituições. Sendo assim, os países vitoriosos da Guerra-Fria constituíram a matriz para os demais do mundo e o Ocidente converteu-se no parâmetro a ser seguido como meio de alcançar a modernidade, como mecanismo que impossibilita conflitos em escala global.

Assim, considerando o desenvolvimento histórico das civilizações, a concepção da doutrina liberal como modelo civilizacional único, universal e globalizado remete a ideia de uma sociedade moderna. A sociedade liberal, então, torna-se não só o modelo mais desejável de civilização, mas também o único meio eficiente de assegurar a ordem social. As derrotas das principais oposições ao modelo de sociedade liberal, como socialismo e comunismo, historicamente, reforçaram o discurso ocidental para construção da ideia atribuída ao pensamento liberal como a única maneira de coexistência no meio de civilizações divergentes. Sendo assim, o liberalismo se torna o “fim da história” em uma perspectiva universal (LANDER, 2005).

Fukuyama (1992) coloca que o “fim da história” não é o fim dos eventos e acontecimentos relevantes para a história mundial, mas a consagração do êxito em alcançar o modelo de sociedade que satisfaz as necessidades das civilizações. O autor entende que os países que adotam a doutrina liberal são os mais modernizados e desenvolvidos, indicando para os países periféricos o futuro ideal a ser atingido, ressaltando que é preciso aderir ao liberalismo para chegar à modernidade e atingir o “fim da história”. O intuito de uma história universal da humanidade, na qual seja determinado o padrão do desenvolvimento das civilizações, não é interesse de todos os povos e culturas. Contudo, Fukuyama considera que existe uma história que simboliza um processo único e universal e, devido ao progresso e o modernismo que decorreu com o fim da Guerra-Fria, essa história havia chegado ao fim.

Posto isso, a relação da América Latina com a doutrina liberal não é contemporânea. Na metade do século XIX, no período conhecido como “pacto neocolonial”, a região latino-americana passou a integrar “o modelo ocidental” por meio do livre mercado. Nesse contexto, o liberalismo na América Latina funcionou de maneira a servir as necessidades dos centros globais. A região latino-americana se integrou ao Ocidente na forma de economia periférica, de subserviência, que exportava para os centros matéria-prima, os mineiros para as indústrias e produtos agrícolas para o consumo (ZANATTA, 2017).

Sobre o período liberal na história latino-americana, Pellegrino e Prado (2014, p. 79) afirmam que

a partir da segunda metade do século XIX, a América Latina foi encontrando um lugar subalterno de inserção nas correntes do mercado internacional, especializando-se em produtos primários de exportação, já que não possuía capital acumulado suficiente para desenvolver a indústria.

Dessa forma, fica mais evidente entender que a subalternização latino-americana, na atualidade, no mercado internacional deve-se aos feitos do passado. Nesse sentido, Galeano (2010) define a América Latina como a região das veias abertas, considerando que no passado toda a organização econômica era em benefício dos interesses europeu e hoje se mantém em favor dos centros de poder Ocidental capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das demasiadas variações quanto às definições de “Ocidente”, o conceito de modernidade é analisado por diversos autores. Assim, em nome do caráter civilizatório, o discurso da modernidade perpetuou a relação de dominação dos grandes centros sobre os países da periferia global.

A civilização ocidental, identificada pelos países da Europa Ocidental e os Estados Unidos da América, conforme apontou Huntington (1996), se coloca como exemplo inigualável de progresso, de valores e de civilização em termos de organização de vida política, cultural, econômica e social.

Desse modo, por meio da globalização e o falacioso fenômeno de universalização, a civilização ocidental propaga seus valores, juízos e padrões. Atualmente, ser crítico ao processo da globalização pode soar de forma ultrapassada. Contudo, a globalização, tal como ela é, expressa feições de um processo de ocidentalização, reproduzindo a lógica do período colonial – onde existe um centro dominador que dita regras. Além disso, esse modelo de globalização difunde o pensamento único que determina “o pensamento universal” e, assim, direciona as relações no mundo contemporâneo em escala global.

Assim, consideramos a disseminação do liberalismo como o “fim da história”. A doutrina liberal pode ser percebida como um dos valores que sustenta a cultura ocidental e que favorece não apenas as relações em termos econômicos do Ocidente com o resto do mundo, mas também reforça a ideia de imposição do “pensamento universal”.

A teoria liberal prega a defesa da liberdade dos indivíduos acima de qualquer princípio. Contudo, o limite da liberdade é a própria globalização, posto que esse processo pretenda estabelecer a consciência universal a partir da experiência europeia. Por isso, entendemos que a globalização como ela é, a falsa liberdade, propagada principalmente pelos discursos do Ocidente, intensifica a relação de dominação sobre os países ainda em desenvolvimento. Por outro lado, oculta que a enganosa ideia de liberdade coloca os indivíduos à mercê dos interesses do mercado que são escondidos pela lógica da “aldeia global”.

Diferentemente do período colonial no século XIX, cuja dominação realizava-se no molde tradicional de invasão territorial e guerras, o controle no período pós-colonial, com a independência das ex-colônias, a dominação na contemporaneidade acontece na América Latina por meio da imposição de modelos, sustentados pela concepção de que o liberalismo é a única forma de alçar a modernidade e, assim, integrar a região latino-americana nos padrões do mundo globalizado.

Contudo, considerando a ligação histórica dos países latino-americanos com as concepções de modernidade, que atualmente são atreladas ao liberalismo e globalização, é pertinente apontar que no processo de ocidentalização da América Latina não há interesse de integrá-la com a civilização ocidental, mas manter a relação entre colonizador e colonizado.

REFERÊNCIAS

- AYERBE, Luis Fernando. *O Ocidente e o Resto: a América Latina e o Caribe na cultura do Império*. Buenos Aires: Editora CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BATISTA JR, Paulo Nogueira. Mitos da “globalização”. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, p.125-186, abr. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n32/v12n32a12.pdf>>. Acesso em: 05 dez 2017.

- BORTOLUCI, José Henrique. Para além das Múltiplas Modernidades: Eurocentrismo, Modernidade e as Sociedades Periféricas. *Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 16, n. 1, p.53-80, 2009.
- CAMPOS, Luís; CANAVEZES, Sara. *Introdução a globalização*. Departamento de Formação da Cgtp-in: Instituto Bento Jesus Caraça, 2007. Disponível em: <[https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdução à Globalização.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2468/1/Introdução%20à%20Globalização.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2003.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da 'invenção do outro'*. Clacso: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p.80-87, set. 2005.
- CORONIL, Fernando. *Natureza do pós-Colonialismo: do Eurocentrismo ao globocentrismo*. Clacso: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p.50-62, set. 2005.
- DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e eurocentrismo*. Clacso: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p.24-33, set. 2005.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GALEANO, Eduardo. *Ser como Eles*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&MPocket, 2010.
- HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- JACKSON, Roberto; SORENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LANDER, Edgardo. *Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos*. Clacso: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, p.8-23, set. 2005.
- LANDES, David. *Riqueza e pobreza das nações: por que algumas são tão ricas e outras tão pobres*. São Paulo: Campus, 1998.
- LATOCHE, Serge. *A Ocidentalização do Mundo*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1994.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 32, n. 94, p.1-18, 14 nov. 2011. ANPOCS. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>>. Acesso em: 15 jan.2018
- PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Lígia. *História da América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- PIRES, Marília Freitas de Campos; REIS, José Roberto Tozoni. Globalização, neoliberalismo e universidade: algumas considerações. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. UNESP, v. 3, n. 4, p. 29-39, 1999. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/12493>>. Acesso em: 15 jan. 2018
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y Modernidad/Racionalidad*. Pcnlindig. 13(29), Lima, p.11-20, 1992.
- REINO, João Luis Ribeiro. *A globalização cultural e os Estados Unidos: o poder da internet como agente propagador de cultura*. 2010. 58 f. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Schwarcz, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ZANATTA, Loris. *Uma breve história da América Latina*. São Paulo: Cultrix, 2017.

ABSTRACT

In this article we analyze Latin America Westernization's process as the outcome of the neocolonial process that, through the West's discourse, remains the colonizer-colonized relationship. Thus, based on the specialized literature on the subject, we drew up a survey data of academic studies to understand how the West that, by rejecting the standards of Latin American peoples' s civilization, has consolidated a process of westernization of this region through modernity's discourses.

KEYWORDS

Latin America, westernization, modernity

